La Comédiathèque



De legumes e livros

Farsa filosófica

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

De legumes e livros

Farsa Filosófica

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A fachada de uma mercearia que também vende livros em segunda mão é o cenário de deliciosas conversas entre um merceeiro dado à filosofia e os seus excêntricos clientes, à procura de respostas para as grandes perguntas da existência.
Uma farsa filosófica que mistura situações rocambolescas e reflexões sobre o absurdo do mundo.

Personagens:
Sócrates
Maurícia
Socorro
Ben
Eva
Adão
Carlos
Sánchez
Ramírez

À exceção de Adão e Eva, que são, respetivamente, um homem e uma mulher, os restantes papéis podem ser interpretados por homens ou mulheres, com as adaptações necessárias dos nomes, das concordâncias e das formas de tratamento.
Carlos e Ramírez podem ser interpretados pela mesma pessoa.

Distribuições possíveis com 9 intérpretes:
1H/8M, 2H/7M, 3H/6M, 4H/5M, 5H/4M, 6H/3M, 7H/2M, 8H/1M

Distribuições possíveis com 8 intérpretes:
1H/7M, 2H/6M, 3H/5M, 4H/4M, 5H/3M, 6H/2M, 7H/1M

© La Comédiathèque

A fachada de uma pequena mercearia, com a porta ao centro. De um lado, caixotes de fruta e legumes dispostos em bancas. Do outro, caixas de livros em segunda mão. Uma balança junto à porta. A frente do palco representa o passeio e está, por enquanto, vazia. Entra Socorro, a puxar um carrinho de compras. Para diante da banca de fruta e legumes e começa a examinar os produtos. Pega numa banana, apalpa-a e, pouco satisfeita, volta a pousá-la. Entra Maurícia.

Maurícia – Esteja à vontade, não faça cerimónia!

Socorro – O quê? O que foi?

Maurícia – Está a apalpar essa banana toda e depois volta a pô-la na caixa…

Socorro – E então? Gosto das bananas bem firmes. É proibido?

Maurícia – Não é propriamente higiénico para quem vier a seguir, pois não?

Socorro – Ai é? E porquê?

Maurícia – Se tiver as mãos sujas…

Socorro – As Mãos Sujas! *(Mudando completamente de tom.)* Olhe, acabei de ler isso…

Maurícia – Que livro?

Socorro – A peça de teatro! De Jean-Paul Sartre.

Maurícia – Ah, sim… E o que achou?

Socorro – Entre nós, não é grande coisa...

Maurícia – Sartre não envelheceu nada bem.

Socorro – Não se devia deixar que os filósofos escrevessem peças de teatro.

Maurícia – Se quer a minha opinião, nem tratados de filosofia deviam escrever.

Socorro – Sócrates escreveu O Banquete ou A República?

Maurícia – Tanto como Deus escreveu o Antigo Testamento ou Jesus Cristo o Novo.

Socorro – Desde Heráclito, não inventámos nada de novo.

Maurícia – Mas, infelizmente, escrevemos muito.

Socorro – Demasiado!

Maurícia – Os livros de filosofia são cada vez mais grossos e o conteúdo cada vez mais magro.

Socorro – E cada vez mais obscuros! Para acender a lareira ainda servem, mas para embrulhar legumes… As páginas são demasiado pequenas.

Maurícia – Desde os gregos que a filosofia só tem piorado.

Socorro – Milénios de livros vazios empilhados em bibliotecas cheias de pó…

Maurícia – A filosofia assenta em alicerces muito pouco seguros.

Socorro – Se conseguíssemos subir esse castelo de cartas sem partir o pescoço, ainda chegávamos à estratosfera.

Maurícia – Se não chegássemos primeiro ao vazio do espaço.

Socorro – A filosofia é uma impostura. Quem é que disse que éramos anões aos ombros de gigantes?

Maurícia – Bernardo de Chartres.

Socorro – Precisamente… Mas isso só se aplica às ciências, onde existe progresso. A filosofia não é uma ciência. É uma opinião!

Maurícia – Os filósofos de hoje não passam de anões nos ombros de todos os anões que os precederam.

Socorro – Faz-me lembrar aquelas torres humanas que se erguem em certas festas populares. Os mais altos ficam em baixo e os mais pequenos lá em cima.

Maurícia – Só que uma pirâmide de anões impressiona muito menos do que as pirâmides do Egito.

Socorro – E muito menos estáveis.

Maurícia – E, bem vistas as coisas, nem todas as invenções humanas merecem ser imitadas.

Socorro – Aquela gente toda a trepar uns para cima dos outros no meio da rua… Os mais novos às cavalitas dos mais velhos…

Maurícia – Uma pirâmide de gerações… Parece-me bastante perigoso.

Socorro – Acho que lhes chamam castelos humanos.

Maurícia – Será que constroem castelos daqueles noutros países?

Socorro – Duvido muito…

Maurícia – Deve ser proibido pelas normas de segurança… Então, leva a banana ou não?

Socorro – É melhor levar esta outra, que está mais verde.

Maurícia – Eu gosto das bananas bem maduras.

Socorro – Cada um com o seu gosto…

Maurícia começa também a examinar a banca.

Maurícia – Acho que vou levar meio quilo de cenouras…

Socorro – Para sopa ou para salada?

Maurícia – E eu faço-lhe perguntas sobre a sua vida?

Socorro – Tem razão. Para fazer perguntas, nada como falar com Sócrates…

Maurícia – Mais vale ir diretamente ao mestre do que perguntar ao discípulo.

Socorro *(chamando)* – Sócrates!

O merceeiro sai da loja.

Sócrates – Minhas senhoras… Em que posso ajudar?

Maurícia *(entregando as cenouras)* – Tome, Sócrates, pode pesar isto para mim?

Socorro – Ora esta! Eu cheguei primeiro, não cheguei?

Maurícia – Pensei que ainda não tinha decidido… Não quer apalpar mais essas bananas?

Socorro encolhe os ombros e entrega as bananas a Sócrates.

Socorro – Aqui tem… *(Sócrates põe as bananas na balança.)* E também lhe queria fazer uma pergunta…

Sócrates – Diga…

Socorro – Ora bem… Espere, apontei-a na lista de compras… *(Tira do bolso um papel amarrotado, desdobra-o com dificuldade e lê.)* Ah, aqui está… Porque é que existe alguma coisa em vez de nada?

Sócrates – E tudo isso pelo preço de meio quilo de bananas…

Socorro – Parece-lhe uma pergunta parva?

Sócrates – Porque é que existe alguma coisa em vez de nada…?

Socorro – Então?

Sócrates – Na verdade, a resposta é muito simples.

Maurícia – Posso ouvir também?

Socorro – Claro…

Sócrates – Quando uma pergunta filosófica não tem, manifestamente, resposta possível, é porque há alguma coisa de errado com a pergunta.

Socorro – É evidente…

Sócrates – Ou porque foi formulada de propósito para não poder ter resposta.

Socorro – Eh… Sim.

Sócrates – Antes de mais, porquê?

Maurícia – Porquê o quê?

Sócrates – Porquê usar o «porquê» na pergunta «Porque é que existe alguma coisa em vez de nada?»

Maurícia – Ah, claro...

Socorro – Ei! Eu disse que podia ouvir a resposta de Sócrates, mas ele está a falar comigo, percebeu? São as minhas bananas! Meta-se na sua vida. Ou nas suas cenouras…

Sócrates – Já acabaram? Posso continuar?

Maurícia – Desculpe...

Sócrates – O «porquê» já é problemático. Pressupõe que a existência do mundo tem uma finalidade e, além disso, uma finalidade compreensível para os seres humanos, porque teria de coincidir com a finalidade da própria humanidade.

Maurícia – O que é, evidentemente, uma visão muito antropocêntrica.

Sócrates – A humanidade é apenas uma parte do universo. E uma parte não pode, por definição, compreender o todo.

Socorro – Com certeza...

Sócrates *(pegando numa laranja)* – Pegue nesta laranja. Imagine que é o berço da humanidade e que nós somos as suas pevides. Acha que as pevides podem compreender como funciona a loja?

Socorro – Não, evidentemente…

Sócrates – E eu, que sou o dono da loja, às vezes também não percebo como é que ela funciona…

Maurícia – Quem foi que disse «A Terra é azul como uma laranja»?

Socorro – O que é que isso tem a ver? Estamos a falar das pevides!

Sócrates – Plante esta pevide e terá uma laranjeira que dará mais laranjas. Com alguma manipulação genética ou poética, talvez até consiga laranjas azuis. Mas uma pevide de laranja nunca dará uma bananeira.

Socorro – E, sobretudo, uma pevide nunca abrirá uma mercearia.

Sócrates – Passemos ao «nada» da pergunta: porque é que existe alguma coisa em vez de nada?

Socorro – Exatamente.

Sócrates – O nada é algo que não existe, estamos de acordo?

Socorro – Como é que não haveríamos de estar de acordo com isso?

Sócrates – Perguntar se o nada pode existir no lugar de alguma coisa é, portanto, uma contradição nos próprios termos.

Maurícia – Aquilo a que os filósofos chamam um sofisma.

Socorro lança um olhar fulminante a Maurícia.

Sócrates – Na verdade, o nada é um conceito vazio de sentido. Se o nada não existe, porque havemos de falar dele como alternativa possível à existência?

Socorro – É evidente...

Sócrates – O nada é uma ilusão inventada por quem, como os defensores das religiões monoteístas, nos quer fazer engolir o mito da criação.

Socorro – Um mito que implica a ideia de um começo antes do qual não havia nada.

Sócrates – Uma ideia de uma ingenuidade extraordinária, não acha?

Maurícia – Porque é que diz isso?

Sócrates – Porque, se alguma coisa existe, então essa coisa sempre existiu, de uma forma ou de outra!

Socorro – Como dizia Lavoisier: «Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma.»

Sócrates – Sabe que tenho por princípio nunca citar ninguém…

Maurícia – Como Sócrates.

Socorro – Quem é que Sócrates podia citar?

Maurícia – Os pré-socráticos...

Socorro – E os pré-socráticos?

Maurícia – Ninguém.

Socorro – E, no entanto, não diziam só disparates.

Sócrates – Quanto à ideia de um princípio, foi o ser humano que a inventou para tentar encaixar o universo na sua visão antropocêntrica do mundo.

Socorro – Já percebi. Como nascemos e morremos, o universo também teria de nascer e morrer.

Sócrates – E porque não? Desde que admitamos que não há nascimentos, mas renascimentos, nem mortes, mas remorsos.

Maurícia – Que o tempo é circular, e não linear, que o Big Bang nunca mais acaba e que o universo é um enorme motor de combustão!

Sócrates – Perante duas hipóteses, porque é que havemos de escolher sempre a menos provável só porque cabe melhor na estreiteza do nosso pensamento mitológico?

Socorro – E depois admiramo-nos de que as perguntas suscitadas por essa hipótese não tenham resposta…

Sócrates – A não ser que inventemos novas mitologias para explicar os mistérios. E assim sucessivamente. É a esse longo desvio do pensamento que chamamos religião.

Maurícia – Algumas filosofias orientais conseguiram, pelo menos, evitar essa armadilha, dispensando o sobrenatural… Então é hindu?

Sócrates – Talvez fosse, se o hinduísmo também não tivesse inventado esse terrível sistema de opressão que são as castas.

Socorro – Outra maneira de justificar os privilégios dos senhores, prometendo aos escravos que noutra vida, em vez de serem a ferida, serão a faca. Para pedir emprestada uma imagem a Baudelaire…

Maurícia – Quando se trata de manter as massas no seu lugar, às religiões nunca lhes falta imaginação.

Socorro – Infelizmente, tanto na religião como na filosofia, aos pioneiros por vezes sinceros sucedem-se logo a decadência e a exploração.

Maurícia – E depois há sempre que montar um espetáculo para atrair a clientela.

Socorro – Sem falar nas obras de arte de um mau gosto de bradar aos céus que acabam por produzir.

Maurícia – Entre pinturas rupestres e os frescos da Capela Sistina, prefiro as primeiras, francamente…

Socorro – O catolicismo romano está para Jesus Cristo como a burocracia estalinista está para Karl Marx.

Maurícia – E o Vaticano é o seu Kremlin.

Sócrates – Alguns homens sempre encontraram vantagens em fazer perguntas sem resposta...

Maurícia – A propósito, queria perguntar-lhe se...

Socorro – Quando for a sua vez, está bem?

Sócrates – Terminemos com a última parte: porque é que existe alguma coisa em vez de nada? Alguma coisa. É o que resta quando retiramos tudo o que está a mais na pergunta. Deixa de ser uma interrogação e torna-se uma afirmação: alguma coisa. É tudo o que há para dizer.

Socorro – Mas será preciso dizê-lo?

Maurícia – Faz-me lembrar uma velha anedota sobre um letreiro que dizia: «Aqui vendem-se laranjas bonitas e frescas, a bom preço.» Tirando tudo o que é evidente, acabam por sobrar apenas as laranjas.

Sócrates – Quem inventou essa anedota foi o maior filósofo de todos os tempos…

Maurícia – Então voltamos a Descartes: «Penso, logo existo.»

Sócrates – Mais uma tautologia, cheia de egocentrismo. Porque não dizer «Penso, logo penso»? Não somos nós que pensamos. É o mundo que pensa através de nós. E, a avaliar pelos resultados, o mundo também não pensa lá muito bem…

Uma pausa. As duas mulheres tentam medir a profundidade do que acabam de ouvir.

Socorro – É extraordinário chamar-se Sócrates… Um nome assim deve marcar o destino de uma pessoa, não?

Sócrates – Não é o meu nome próprio. É o meu apelido. Um apelido português, aliás. Até houve um primeiro-ministro com esse nome…

Maurícia – E também houve um futebolista brasileiro.

Sócrates – Respondi à sua pergunta?

Socorro – Absolutamente, Sócrates.

Sócrates – *(Voltando às bananas de Socorro, que estão na balança.)* Meio quilo de bananas… *(Pega num livro de uma caixa e coloca-o na balança.)* E meio quilo de literatura. Um quilo pelo preço de meio.

Socorro – O que é?

Sócrates – O Discurso do Método. É tão disparatado que quase tem graça. Próxima pergunta?

Maurícia – Agora… Não sei se…

Sócrates – Diga, vamos lá…

Maurícia – Bom… Eu… Vou arriscar… Deus existe?

Sócrates e Socorro olham-na, desolados.

Sócrates – Pensava que já tinha respondido a essa pergunta…

Maurícia *(envergonhada)* – Pois, eu também achava que sim, mas… *(Para Socorro.)* Se não tivesse feito a sua pergunta primeiro! Agora é muito fácil fazer-me passar por parva…

Sócrates – Vá lá, vá lá, vou responder à sua pergunta de qualquer forma.

Maurícia – Obrigada…

Maurícia lança um olhar de reprovação a Socorro.

Sócrates – Deus existe? Depende de quem faz a pergunta: ou é de uma estupidez monumental ou é de uma perversidade requintada.

Maurícia – Não sei se estou a acompanhar…

Sócrates – Para perguntar se Deus existe, é preciso primeiro definir o que é Deus. Como saber se uma coisa existe quando nem sabemos o que é? Desafio-a a definir Deus sem se limitar a dizer que Deus é Deus.

Maurícia fica embaraçada. Socorro sorri com ironia.

Maurícia – Pronto, já chega…

Sócrates – Se Deus é considerado um conceito que nenhum outro conceito pode definir, a única pergunta que podemos fazer é se existe. Mas é precisamente fazer essa pergunta que lhe dá uma existência hipotética. Está a acompanhar?

Maurícia – Estou a tentar…

Sócrates – Os unicórnios existem? Responda!

Maurícia – Os unicórnios? Bem… Não, obviamente.

Sócrates – E, no entanto, basta perguntar se os unicórnios existem para lhes dar uma existência virtual. Podemos inventar histórias, escrever livros infantis e até pintar quadros com eles. Já viu um quadro de um mestre antigo com um dinossauro?

Maurícia – Nunca, que eu saiba.

Sócrates – E, no entanto, os dinossauros existiram mesmo. Para os seres humanos, uma fábula recente é muitas vezes mais real do que uma verdade distante.

Socorro – Portanto, Deus existe na imaginação das pessoas que o inventaram, tal como os unicórnios.

Sócrates – Quanto a saber se Deus existe realmente, a questão é se precisamos dessa hipótese para compreender o mundo, com os nossos limitados meios intelectuais.

Maurícia – E?

Sócrates – É aí que já respondi a essa pergunta.

Socorro – A ideia de Deus só é necessária se aceitarmos a hipótese pouco provável de um tempo linear, com um início, uma primeira causa criadora do mundo e uma finalidade última.

Maurícia – Então Deus não existe e Pascal perdeu a sua aposta…

Sócrates – Foi uma aposta absurda…

Socorro – Um tempo circular… Então a criação do mundo é como a história do ovo e da galinha.

Sócrates – A galinha é que filosofa… mas quem acaba por pagar o pato é a senhora. Então, leva estas cenouras?

Maurícia – Sim, sim, claro…

Sócrates pesa as cenouras.

Sócrates – Meio quilo de cenouras… *(Pega num livro de uma caixa e junta-o à balança.)* E meio quilo de literatura. Um quilo pelo preço de meio.

Maurícia – O que é? Os Pensamentos de Pascal?

Sócrates – Um livro de receitas. Muito mais útil para saber o que fazer a essas cenouras, acredite…

Maurícia entrega-lhe algumas moedas. Sócrates aceita-as.

Sócrates – Minhas senhoras…

Sócrates entra na loja, deixando as duas mulheres sem palavras.

Maurícia – Que homem!

Socorro – Pode dizer-se que transformou a venda de legumes num exercício do método socrático.

Maurícia – Bem, vou fazer a minha sopa.

Socorro – Por falar nisso, não sei onde deixei o meu cão… Não o viu por acaso?

Maurícia – Nem sabia que tinha um cão…

Socorro – Deus!

Maurícia – O seu cão chama-se Deus?

Socorro – Ao menos sei que ele existe. E quando o chamo, aparece.

Maurícia – A prova…

Socorro – Deus! Anda cá, meu cão.

Maurícia – Só a fé salva…

Socorro – Onde se terá metido este raio de cão? Levo-te de volta ao canil, vais ver!

Maurícia – Bem, vou andando… Até logo.

Maurícia sai. Socorro também se afasta, chamando o cão.

Socorro – Vá, aqui! Não vou ajoelhar-me! Deus! Vais ver quando te apanhar!

Entra Ben, com ar de marginal, visivelmente nervoso. Usa um gorro de lã. Depois de olhar para ambos os lados, puxa o gorro para baixo, cobrindo o rosto: afinal, é um passa-montanhas. Tira um revólver do bolso e entra na loja. Passam alguns instantes sem que nada aconteça. Ouve-se um cão ladrar, pneus a chiar e depois silêncio. Ben sai, cabisbaixo e sem o passa-montanhas, seguido de Sócrates, que segura o revólver pelo cano.

Sócrates – Vá, por uma vez vou permitir-me uma citação, meu jovem. Conheces o ditado «Quem rouba um ovo rouba um boi»?

Ben – O professor repetia-o nas aulas de educação moral.

Sócrates – Pelos vistos, a lição não entrou…

Ben – Lamento muito, senhor.

Sócrates – E o que é que achas que esse ditado quer dizer?

Ben – Não sei… Que só o primeiro passo custa. Começa-se a roubar um ovo e depois rouba-se o boi inteiro…

Sócrates – E então?

Ben – Então, é melhor nunca roubar nada, nem sequer um ovo…

Sócrates – Deve ter sido essa a interpretação do teu professor.

Ben – Não significa isso?

Sócrates – Pode ser visto dessa forma, sim… Mas também pode significar o contrário.

Ben – O contrário?

Sócrates – «Quem rouba um ovo rouba um boi» também pode querer dizer que roubar um ovo é o mesmo que roubar um boi. Que é igualmente grave, não?

Ben – Bem… Sim…

Sócrates – E aposto que também ias à catequese, não ias?

Ben – Até fui acólito… Foi aí que comecei a roubar o vinho da missa…

Sócrates – E o que dizem os Dez Mandamentos sobre o roubo?

Ben – «Não roubarás»… Acho que é o sétimo artigo da Constituição…

Sócrates – O sétimo mandamento, isso sim. Não confundas as leis de Deus com as dos homens. Estas mudam mais vezes.

Ben – As leis dos homens…

Sócrates – Em todo o caso, a Bíblia não diz «Não roubarás um ovo, muito menos um boi». A Bíblia não faz comércio a retalho. Um ovo ou um boi, a tarifa é a mesma, seja qual for o tamanho do boi. É pecado mortal e pronto. Roubes pouco ou roubes muito, no inferno o calor é o mesmo. Percebeste, rapaz?

Ben – Sim, senhor…

Sócrates – E perante a lei é a mesma coisa: roubo é roubo. A pena é a mesma, seja qual for o valor do que se rouba, não é?

Ben – Suponho que sim…

Sócrates – Um assalto à mão armada é coisa séria. E, se reincidires, ainda acabas por passar a vida na prisão…

Ben – Ah, bem, isso é muito…

Sócrates – Parece-te inteligente arriscar a vida inteira atrás das grades pelas poucas notas que encontrarias na minha caixa?

Ben – Não, não muito…

Sócrates – Muito bem. Estás a começar a pensar. Estás a ver aquele banco ali?

Ben – Sim, senhor…

Sócrates – Se é para arriscares acabar a vida na prisão, não seria melhor saíres de lá com o dinheiro do cofre?

Ben – Sim, claro…

Sócrates – Um pouco de ambição, que diabo! Pensa em grande! Mas sem violência desnecessária. Com o quinto mandamento é igual: «Não matarás.» Não diz que a pena é mais leve se a vítima for um malandro de quem ninguém sente falta…

Ben – Compreendo, senhor, juro…

Sócrates guarda a arma no bolso.

Sócrates – Pronto, por agora fico com o teu revólver…

Ben – Posso ir-me embora? Não vai chamar a polícia?

Sócrates – Vai lá, rapaz. E lembra-te: quem rouba um ovo rouba um boi. Por isso, mais vale roubar logo o boi.

Ben – Um boi…?

Sócrates – Ou uma galinha, se preferires começar por baixo. Assim tens ovos todas as manhãs sem arriscares a prisão todos os dias.

Ben – Uma galinha, a sério?

Sócrates – Porque é que achas que se fala em ladrões de galinhas e não em ladrões de ovos?

Ben – Não sei, senhor…

Sócrates – Foi provavelmente assim que começou o capitalismo. Um homem roubou uma galinha e começou a vender ovos.

Ben – Onde é que se pode roubar uma galinha?

Sócrates – Tens razão. Sobretudo na cidade, as galinhas são cada vez mais difíceis de encontrar. E, como não pareces ter grande jeito para isto, talvez seja melhor assaltares um banco de jardim…

Ben – Obrigado, senhor.

Sócrates pega num alho-francês da prateleira e entrega-o a Ben.

Sócrates – Toma isto. Pode dar-te jeito…

Ben – Obrigado…

Sócrates – E lembra-te: a propriedade é um roubo!

Ben – Sim, senhor…

Sócrates – Vai em paz, meu filho… *(Sócrates faz-lhe o sinal da cruz. Ben sai completamente baralhado.)* A juventude de hoje… Que raio lhes ensinam na escola?

Sócrates regressa à loja. Entra Eva e começa a olhar para os livros. Chega Carlos, com um mapa na mão e ar de quem se perdeu.

Carlos *(para Eva)* – Desculpe, procuro o Beco sem Saída do Progresso… Acho que fica aqui perto, mas…

Eva – O Beco sem Saída do Progresso? O nome diz-me alguma coisa, mas…

Carlos – Segundo este mapa, tenho de seguir pela Alameda de Lenine, depois pela Rua Karl Marx até à Avenida Che Guevara. O Beco sem Saída do Progresso fica junto à Praça da Amizade entre os Povos…

Eva – Ai, está muito longe do sítio certo! De que ano é esse mapa?

Carlos – Não sei… Mas no centro da cidade, as ruas não mudam muito, pois não?

Eva – As ruas não, mas os nomes… Deixe-me ver. *(Examina o mapa.)* Mil novecentos e cinquenta e cinco! Está a ver?

Carlos – O quê?

Eva – Desde essa altura, o Muro de Berlim caiu, a câmara mudou de campo político e as ruas foram todas rebatizadas.

Carlos – E então?

Eva – Agora tem de seguir pela Alameda de Churchill, pela Rua Karl Lagerfeld e depois pela Avenida dos Irmãos Marx. O Beco sem Saída do Progresso fica junto à Praça da Revolução Digital.

Carlos – Ao menos o Beco sem Saída do Progresso não mudou de nome.

Eva – Para onde vai exatamente?

Carlos – Ao Instituto Nacional de Investigação Científica.

Eva – No Beco sem Saída do Progresso? Esse já não está lá!

Carlos – Já não existe?

Eva – Agora funciona lá a Igreja da Cientologia.

Carlos – Não, a sério?

Eva – O Instituto mudou-se para o Passeio Nostradamus.

Carlos – E onde fica isso?

Eva – Siga em frente, vire na primeira à esquerda e verá o cemitério. É mesmo em frente.

Carlos – Bem, muito obrigado então.

Eva – De nada…

Carlos sai. Eva volta a examinar os livros. Sócrates vem à porta da loja.

Sócrates – Procura alguma coisa em especial?

Eva – Não, só estou a ver…

Sócrates – Esteja à vontade… Mas recomendo-lhe antes a fruta e os legumes. São da época. Ali, com poucas exceções, só vai encontrar ideias rançosas… Posso oferecer-lhe uma maçã?

Sócrates pega numa maçã da banca e entrega-a a Eva.

Eva – Obrigada… *(Dá uma dentada na maçã e continua a ver os livros.)* Há uma coisa, por acaso… Procuro um livro há anos. Seria um milagre se o tivesse.

Sócrates – Os milagres são a minha especialidade.

Eva – Está esgotado. Espreito sempre que passo por um alfarrabista, mas venderam-se tão poucos exemplares…

Sócrates – Diga lá…

Eva – É um livro de poemas chamado Rimas Órfãs.

Sócrates – Rimas Órfãs…

Eva – Um livrinho publicado por conta própria há uns bons anos…

Sócrates – Não há livros pequenos, só autores pequenos… Das Edições Confidenciais, não era?

Eva – Conhece esse livro?

Sócrates – Tive-o nas mãos há pouco tempo. Até o li por alto…

Eva – E ainda o tem?

Sócrates – Infelizmente, troquei-o na semana passada por meio quilo de curgetes. Os fornecedores não se pagam sozinhos…

Eva – Que azar… E lembra-se de a quem o vendeu?

Sócrates – Como as prostitutas, tenho clientes habituais, mas aquele foi um cliente ocasional. Nunca mais o vi…

Eva – Posso deixar-lhe o meu número de telefone, caso o veja novamente?

Sócrates – Às vezes os leitores devolvem os livros depois de os lerem, quando lhes volta a abrir o apetite…

Eva entrega-lhe um cartão de visita.

Eva – E como funciona nesses casos?

Sócrates – Aceito o livro de volta em troca de meio quilo de produtos frescos.

Eva – É um merceeiro bastante invulgar…

Sócrates – Troco, vendo, compro… É assim que funciona o pequeno comércio. Meio quilo de cenouras por um livro de bolso, um quilo de feijão-verde por um livro encadernado em pele. Ou até trufas, se for uma edição com os cortes dourados.

Eva – O livro que procuro estava impresso em papel reciclado…

Sócrates – Também depende do conteúdo. O papel pode ser reciclado, desde que as ideias não o sejam.

Eva – Portanto, meio quilo de curgetes por Rimas Órfãs.

Sócrates – Depende do cliente. Aquele deve ter-me caído bem. Às vezes até ofereço os legumes, ou recuso-me a vendê-los. E só porque uma coisa é rara não quer dizer que tenha valor. Se não houver procura, como acontece com a poesia… Já leu Adam Smith?

Eva – Não…

Sócrates – O economista escocês… No que toca a fazer economias, ninguém bate os escoceses… *(Percebendo que Eva está distraída.)* Está bem, se voltar a ver esse senhor, telefono-lhe.

Eva – Obrigada… E disse que folheou o livro?

Sócrates – Li alguns poemas. Lembro-me particularmente de um:

A papoila sonha à beira do caminho,
fora do campo, onde nenhuma colheita a espera.
Imperfeita como o esboço de uma flor,
já coberta pelo pó do mundo,
como se fosse farinha.
Não dará bom pão branco,
mas um croissant de luar.

Eva – Bravo! Que memória… Então gostou da papoila? Não o suficiente para resistir a trocá-la por meio quilo de curgetes, mas…

Sócrates – Pareceu-me sincero, pelo menos. A sinceridade é o mínimo que se pode exigir de um livro. Infelizmente, a maior parte dos livros que hoje se publicam parece saída de um livro de receitas literárias.

Eva – Bem, não o incomodo mais…

Sócrates – É o que se costuma dizer quando se está a ficar aborrecido.

Eva – Espero vê-lo em breve…

Eva está prestes a ir embora. Sócrates pega em algo de uma caixa.

Sócrates – Tome… Um ramo de salsa. É por conta da casa.

Eva – Obrigada. Há tanto tempo que um homem não me oferecia um ramo…

Eva sai. Entra Ben a correr, com ar de pânico, claramente perseguido. Sócrates compreende a situação sem necessidade de palavras.

Sócrates – Parece que o levantamento no banco não correu bem… *(Ben olha para ele, desesperado.)* Para a arrecadação, ao fundo da loja.

Ben entra a correr. Surgem o comissário Sánchez e o seu assistente Ramírez.

Sócrates – Bom dia, comissário. O que o traz por cá?

Sánchez – O costume, meu caro… Um assalto a um banco.

Sócrates – Tenho a certeza de que os dois vão apanhar o culpado num piscar de olhos.

Sánchez – Andamos à procura do assaltante. Não o viu passar por aqui?

Sócrates – Depende… Como era ele?

Sánchez vira-se para Ramírez.

Ramírez – Trazia um passa-montanhas, chefe.

Sócrates – Não vi ninguém com passa-montanhas… Há feridos?

Sánchez – Que nada! Um amador. Saiu a correr e abandonou a arma no local.

Ramírez – Pensámos que escondia uma espingarda de canos serrados debaixo do casaco. Afinal, era só um alho-francês…

Sócrates – Um alho-francês?

Sánchez – Não será um dos seus, por acaso?

Sócrates – Vendo muitos alhos-franceses. De que calibre era?

Sánchez tira um alho-francês de uma caixa e mostra-o.

Sánchez – Algo assim.

Sócrates – Pois, esse até pode causar estragos… *(Reparando que Ramírez olha para os livros.)* Quer um bom livro para desanuviar?

Ramírez – Tem romances policiais?

Sánchez lança um olhar de reprovação.

Sánchez – Não temos tempo, estamos de serviço.

Sócrates – O Assaltante do Alho-Francês… Não seria um excelente título para um romance policial?

Sánchez – Então, não viu nada?

Sócrates – Se fosse a vocês, dava uma vista de olhos junto ao cemitério. Vi há pouco um homem esquisito a correr naquela direção.

Ramírez – E só nos diz agora…

Sócrates – Pensei que andava a fazer exercício. Mas agora que falam nisso, ia realmente com muita pressa.

Sánchez – Obrigado de qualquer forma.

Sánchez e Ramírez seguem em direção ao cemitério. Sócrates entra na loja e regressa instantes depois. Espreita para ambos os lados e faz sinal a Ben para sair. Indica-lhe o lado oposto ao que os polícias tomaram.

Sócrates – É melhor ires por ali se não quiseres encontrar a polícia.

Ben – Obrigado.

Sócrates – Um conselho: deixa a vida de ladrão, mesmo que seja de galinhas. Não tens grande talento para essa nobre profissão…

Ben – Prometo.

Sócrates – Não te estou a dizer para arranjares emprego, seria pedir demasiado. Mas, sei lá…

Ben olha para os livros.

Ben – Talvez devesse estudar um bocadinho…

Sócrates – Francamente, não te aconselho a leitura. Começar nessa idade pode ser fatal…

Ben – É melhor ir-me embora antes que os polícias voltem.

Sócrates – Tens a certeza de que não te esqueces de nada?

Ben, um pouco envergonhado, tira três pacotes de bolachas dos bolsos.

Ben – Desculpe… Força do hábito.

Sócrates recupera os pacotes de bolachas e entrega uma pera a Ben.

Sócrates – Toma uma pera. Sabes que devemos comer cinco porções de fruta e legumes por dia? Com o alho-francês já levas duas. Olha, até tens melhor cor. Agora desaparece…

Ben sai. Sócrates entra na loja para guardar as bolachas. Chega Adão, que se põe a ver os livros. Eva volta a passar e para junto à fruta e aos legumes. Adão repara nela e fica visivelmente encantado.

Adão – Desculpe, posso fazer-lhe uma pergunta?

Eva *(desconfiada)* – Sim…

Adão – Tenho a impressão de já a ter visto em qualquer lado…

Eva – Isso é o melhor que consegue?

Adão – Para quê?

Eva – Para me engatar!

Adão – Não estou a tentar engatá-la… Quer dizer, estou, mas… Continuo com a impressão de já a ter visto. Uma coisa não impede a outra, pois não? Porque não haveria de tentar engatar alguém que acho que já conheço de vista?

Eva *(preparando-se para sair)* – Em qualquer caso, eu não o conheço, por isso, se me permite…

Adão – Espere! Ainda lhe queria fazer outra pergunta…

Eva – Uma última. É a sua última oportunidade… Diga.

Adão – É que… Só disse aquilo para a impedir de ir embora, para ganhar tempo. Tenho tanto medo de nunca mais a ver… Mas agora não me ocorre nada. Se me der mais uns segundos, há de me surgir uma pergunta…

Eva – Para essa altura já terei ido embora.

Adão – Ou podia dar-me a sua morada. Quando me lembrar da pergunta, escrevo-lhe. E responde-me pelo correio…

Eva – Essa é nova! Um desconhecido que logo de início me propõe um romance por correspondência.

Começa a ir-se embora.

Adão – Não! Já sei! *(Volta-se para os legumes.)* Queria perguntar-lhe como se faz um gratinado de batatas.

Eva – Um gratinado de batatas?

Adão – Porque não? É delicioso… Não será uma refeição muito leve, concedo, mas é delicioso…

Eva – Portanto, só por eu ser mulher, a primeira coisa que lhe ocorre perguntar-me é uma receita de gratinado de batatas? Que machista!

Adão – Agora está a ser injusta. Não foi a primeira pergunta que me ocorreu. Foi a senhora que não quis responder à primeira…

Eva – Que era «Já nos vimos em qualquer lado?». Alguma vez conseguiu alguma coisa com uma frase de engate tão fraquinha?

Adão – Raramente, para ser sincero. Mas é o meu estilo. Que se há de fazer? Uma pessoa não muda de feitio…

Eva – O estilo é o próprio homem. Concordo. Por isso, digo-lhe adeus…

Adão – Ao menos diga-me o seu nome…

Eva – Eva…

Adão – Chamo-me Adão. E não me vou despedir, porque tenho a certeza de que fomos feitos um para o outro. Por isso, havemos de nos encontrar muito em breve…

Eva – E o que o leva a ter tanta certeza?

Adão – Adão e Eva! Só nos falta a serpente. A maçã já ali está… Não acha que é um sinal?

Eva – Ora, por favor…

Adão – Eva… Vou suspirar o seu nome à noite, sozinho na cama, antes de adormecer. *(Eva sai, a disfarçar um sorriso.)* Eu vi! Sorriu!

Eva *(fora de cena)* – Nos seus sonhos.

Sócrates sai da loja com um pacote de bolachas na mão.

Sócrates – Quer uma bolacha?

Adão – Obrigado, mas evito petiscar entre as refeições.

Sócrates – Eu também evito. Mas gosto tanto de petiscar que acabei por deixar de fazer refeições. Já nos vimos antes?

Adão – A última pessoa a quem fiz essa pergunta disse que eu estava a tentar engatá-la.

Sócrates – Não te preocupes, não fazes o meu género…

Adão – Comprei-te um livro há uns tempos.

Sócrates – Rimas Órfãs.

Adão – Esse mesmo.

Sócrates – Já o leste, não gostaste e vieste devolvê-lo…

Adão – Nada disso. Adorei-o. Até o guardo na mesa de cabeceira:

Os nossos olhos, duas metades de laranja espremida,
escorrem para o vazio da ausência.
Brilham por um instante,
surpreendidos pela iminência crescente da partida.

Sócrates – As laranjas sempre inspiraram muito os poetas…

Adão – Na verdade, queria saber se tinha algo mais do mesmo autor.

Sócrates – Acho que é o único livro que publicou, mas nunca se sabe. Enquanto o autor estiver vivo, há sempre o risco de reincidência. Então ainda o tens?

Adão – Claro, porquê?

Sócrates – Passou por aqui há pouco uma mulher à procura dele.

Adão – É curioso. Não é nada conhecido. Eu próprio nunca ouvira falar dele antes de o folhear aqui. Procurei informações sobre quem o escreveu, mas não encontrei nada.

Sócrates – Andy Warhol dizia que toda a gente tinha direito a quinze minutos de fama. Hoje em dia, o verdadeiro anonimato tornou-se um privilégio raro… Estarias disposto a voltar a vender-me o livro?

Adão – És um alfarrabista curioso…

Sócrates – É o que me dizem. E como vendedor de fruta, nem te conto… Dou-te um quilo de tomates por ele. Se não me engano, troquei-to por meio quilo de curgetes.

Adão – Não deves ter muitos lucros.

Sócrates – Para os conhecedores, também vendo uns cogumelos que fazem ver a vida com outras cores. Tenho-os na arrecadação… Se quiseres… São um pouco mais caros, claro, mas garanto-te que valem a viagem…

Adão – Obrigado, mas prefiro os cogumelos numa omeleta… Não contava separar-me do livro. Mas, se essa mulher o quer assim tanto, posso ficar com uma fotocópia e dar-lhe o original.

Sócrates – Muito bem, vou ligar-lhe. Quando podes passar?

Adão – Trago-o ao fim da manhã. *(Examina os produtos frescos.)* Os teus tomates são bons?

Sócrates – É a época deles.

Adão – E aqueles melões são mesmo daqui, como diz o cartaz?

Sócrates – Com sorte, até passaram por aqui. Se o camião que os trouxe do estrangeiro atravessou a região… É a globalização, dizem eles…

Adão – Então levo um melão. Podes guardar-me um?

Sócrates – Claro. *(Adão prepara-se para sair. Sócrates pega num livro e entrega-lho.)* Toma. Aposto que aí encontras a receita do gratinado de batatas…

Adão sorri, pega no livro e sai. Sócrates pega no telemóvel, marca um número e entra na loja. Regressam Sánchez e Ramírez; este último traz ao ombro um saco do lixo.

Ramírez – Bravo, comissário! Mais um caso resolvido em tempo recorde…

Sánchez – Tens a certeza de que está tudo aí?

Ramírez – O médico-legista dir-nos-á quando conseguir juntar todas as peças… Imagine só! Se até as donas de casa com mais de cinquenta anos já assaltam bancos, onde é que isto vai parar?

Sánchez olha para a loja.

Sánchez – Sabias que o dono desta mercearia tem um nome grego, mas é português?

Ramírez – Não, chefe…

Sánchez – É o nosso trabalho saber tudo, Ramírez. Todo o inocente é um culpado que ainda não sabe…

Ramírez *(olhando também para a loja)* – Tem razão, chefe… Isso também é suspeito…

Sánchez e Ramírez vão-se embora. Sócrates sai da loja com o telemóvel na mão.

Sócrates – Muito bem, espero por si mais tarde…

Guarda o telemóvel. Entra Maurícia.

Maurícia – Não soube da novidade?

Sócrates – Depende… Do quê?

Maurícia – Da Socorro, claro!

Sócrates – Socorro?

Maurícia – A senhora a quem há bocado impingiu o Discurso do Método!

Sócrates – Não sabia que se chamava Socorro. Se soubesse, nem lhe tinha vendido as bananas…

Maurícia – E porquê?

Sócrates – Nunca faço negócios com pessoas chamadas Socorro. Com um nome desses, só podia dar problemas… Mas já está feito. Então, não gostou de Descartes?

Maurícia – Morreu!

Sócrates – Não de tédio, espero. Sentir-me-ia um bocado responsável…

Maurícia – Foi atropelada por uma máquina limpa-neves!

Sócrates – Uma máquina limpa-neves? Em agosto?

Maurícia – Pelo que ouvi dizer, estavam a levá-la para a oficina municipal, para ser reparada…

Sócrates – Que coisas tem o destino…

Maurícia – Acredite, foi um espetáculo horrível. Se não tivesse visto o livro na mão, nunca a teria reconhecido. Fui eu que identifiquei o corpo… Bem, quando digo «o corpo»…

Entra Socorro.

Socorro – Que caras são essas? Parece que viram um fantasma!

Os outros dois ficam estupefactos.

Sócrates – Não vos disse que a vida é um ciclo eterno de renascimentos?

Maurícia – Mas a senhora não estava morta?

Socorro *(para Sócrates)* – Porquê? Pareço morta?

Sócrates – Não mais do que o habitual…

Socorro – As pessoas tendem sempre a exagerar…

Maurícia – Mas eu vi-a junto à oficina, com o livro debaixo do braço. Só que o braço estava de um lado da estrada e o resto do corpo, aos bocados, do outro…

Socorro *(para Sócrates)* – Ah, a propósito desse livro… Confesso que não consegui entrar nele. Desisti ao fim de três páginas…

Sócrates – E quer que o recompre?

Socorro – Não, ofereci-o a um pobre homem que ia a passar. Ficou tão fascinado que começou logo a lê-lo. Bem lhe disse que ler enquanto se caminha pela rua é perigoso, mas que havia eu de fazer?

Maurícia – Então deve ter sido ele o atropelado pela máquina limpa-neves…

Socorro – Disse-me que o Discurso do Método havia de o ajudar a pôr a vida em ordem…

Maurícia – Pois, pelo que vi, agora vai ser preciso pô-lo a ele em ordem, aos bocadinhos.

Socorro – Bem, tenho de ir fazer a minha sopa.

Maurícia – E eu vou fazer carne de vaca com cenouras à pancada…

Socorro – À pancada? É uma receita de família?

Maurícia – Do meu avô. Era polícia. Dizia que, depois de uma boa tareia, até a carne confessava que estava tenra…

As duas saem. Sócrates arruma um pouco a banca e entra na loja. Eva regressa no momento em que chega Carlos.

Eva – Então, encontrou o instituto de investigação?

Carlos – Encontrei, sim. No Passeio Nostradamus, tal como disse.

Eva – É cientista, então?

Carlos – Já fui… Passei anos a estudar a teoria do Big Crunch.

Eva – Deve ser apaixonante.

Carlos – Sabe o que é?

Eva – Não, mas não tive coragem de perguntar, para não fazer figura de parva… O único crunch que conheço é o de trincar uma bolacha de chocolate. Duvido que isso interesse ao instituto.

Carlos – O Big Crunch é uma espécie de Big Bang ao contrário.

Eva – Isso é extraordinário…

Carlos – Infelizmente, essa teoria já passou de moda.

Eva – Lamento muito…

Carlos – Segundo as descobertas mais recentes, o universo parece expandir-se cada vez mais depressa.

Eva – Talvez ainda melhore… Enfim, se houver alguma coisa que eu possa fazer…

Carlos – Agora faço uns trabalhos para a polícia.

Eva – A polícia?

Carlos – Na polícia científica… Pediram-me que identificasse o autor original do universo, por causa de uma denúncia de plágio…

Eva – Isso é ainda mais fascinante!

Carlos – Acha mesmo?

Eva – Não. Só disse isso para o animar…

Carlos – E vai contra tudo aquilo em que acredito. Sempre fui um adversário do criacionismo.

Eva – Compreendo…

Carlos – Bem, tenho de ir. Infelizmente, tenho de voltar ao trabalho…

Eva – Boa sorte com a sua investigação!

Carlos sai, desanimado. Chega Adão, que fica frente a frente com Eva.

Adão – Já me lembro! És tu a autora de Rimas Órfãs!

Eva – Como sabes?

Adão – A tua fotografia está na contracapa.

Eva – Pensava que ninguém tinha lido esse livro…

Adão – Eu li. E, pelos vistos, não fui o único. Estou à espera de alguém que quer dar uma fortuna por ele. Já disputam o teu livro, vês? A fama está a chegar…

Eva – Achas mesmo?

Adão – Pelo menos não estava a mentir quando disse que já te tinha visto!

Eva – Sou eu.

Adão – Tu?

Eva – Sou eu quem quer comprar esse livro.

Adão – Mas porque é que havias de querer comprar o teu próprio livro?

Eva – A minha casa foi ao fundo…

Adão – A tua editora, queres dizer?

Eva – Quando publicamos por conta própria, vai dar ao mesmo…

Adão – Então a tua… editora faliu.

Eva – Afundou-se mesmo! Eu vivia numa casa flutuante.

Adão – Ah, então foi um naufrágio…

Eva – Não tenho nenhum exemplar desse livro. Pelo menos queria recuperar um. É uma parte de mim, percebes?

Adão – Percebo…

Eva – Então…

Adão – Então o quê?

Eva – Vendes-me o livro?

Adão – Depende do preço…

Eva – És um cavalheiro, não vais aproveitar-te da situação?

Adão – Eu pensava que era um terrível machista…

Eva – Quanto pedes por ele?

Adão – Há pouco ofereceram-me um quilo de tomates por ele.

Eva – E isso não te basta?

Adão – Digamos que também queria qualquer coisa em cima da mesa.

Eva – Não se costuma dizer «por baixo da mesa»?

Adão – Neste caso, não. Troco-te o livro por um convite para jantar. Podemos partilhar este melão à mesa.

Eva – Na tua, por exemplo…

Adão – Tu própria acabaste de dizer-me que já não tens casa… É um sim?

Eva – Quero mesmo aquele livro de volta.

Adão – E eu não estou disposto a desfazer-me dele facilmente.

Eva – Muito bem. Conversamos enquanto comemos o melão.

Adão pega num melão da banca e os dois saem. Sócrates vem à porta.

Sócrates – O amor… sempre o amor…

Chegam o comissário Sánchez e o seu ajudante Ramírez.

Sánchez – Está a falar de nós?

Sócrates – Então, comissário, como vai a investigação?

Sánchez – Está tudo no saco.

Ramírez – Encontrámos o fugitivo.

Sánchez – Morto. Atropelado por uma máquina limpa-neves avariada.

Ramírez – A autópsia revelou que era um homem vestido de mulher, conhecido por Socorro.

Sánchez – Tinha isto na mão. *(Entrega a Sócrates o Discurso do Método.)* Não terá vindo daqui?

Ramírez – Tal como o alho-francês…

Sócrates – O Discurso do Método…

Ramírez – É a prova de que se pode ser ladrão e filósofo ao mesmo tempo.

Sócrates – E o contrário também é verdade. A filosofia é muitas vezes uma fraude intelectual…

Socorro regressa, muito aflita.

Socorro – Meu Deus, comissário, ainda bem que o encontro! Perdi o meu cão…

Sánchez – Pois, mas a polícia não costuma investigar desaparecimentos desse género.

Socorro – Por favor, comissário… O meu avô também foi polícia. E sei que o senhor gosta de animais.

Ramírez – De que cor é o seu cão?

Socorro – Laranja.

Ramírez – Laranja? Quer dizer que trazia um casaco cor de laranja?

Socorro – Um casaco? Com este calor? Que ideia absurda…

Ramírez – Já vimos de tudo, acredite…

Socorro – Não, é o pelo que é cor de laranja.

Sánchez – Então, pinta-lhe o pelo?

Socorro – Claro que não! É a cor natural do animal!

Sócrates – Posso fazer-lhe uma pergunta, comissário?

Sánchez – Claro. Se servir para avançar na nossa investigação…

Sócrates – Diga-me, minha senhora: de que cor é o cabelo do senhor comissário?

Socorro – Roxo, evidentemente!

Sócrates – Acho que desvendei esse mistério, comissário.

Socorro – Mas isso não me devolve o meu cão!

Sánchez – Ramírez, trate deste assunto, por favor.

Ramírez *(saindo com Socorro)* – Como se chama o seu cão, minha senhora?

Sócrates – Há qualquer coisa que o preocupa, comissário.

Sánchez – Estou a investigar um caso gigantesco… Digo-lhe isto na mais estrita confidencialidade. E só porque tenho uma simpatia especial pelos portugueses. Está a perceber?

Sócrates – Não faço ideia do que quer dizer, mas da minha boca não sairá uma palavra.

Sánchez – Trata-se de um caso de plágio.

Sócrates – De um dos meus livros?

Sánchez – Sim, entre outras coisas…

Sócrates – Entre outras?

Sánchez – E a fruta e os legumes que vende também…

Sócrates – Um caso de plágio com fruta e legumes?

Sánchez – Eu disse-lhe que era um caso gigantesco. Prepare-se: parece que o plágio abrange o universo inteiro.

Sócrates – Não…

Sánchez – Talvez todo este mundo não passe de uma enorme falsificação.

Sócrates – E foi o autor da obra original que apresentou a queixa?

Sánchez – O autor? Também o estamos a procurar. A polícia científica está a investigar.

Sócrates – É inacreditável, de facto… E o que os fez suspeitar, comissário?

Sánchez – Tudo o que lhe digo é segredo de Estado. Mas posso contar com a sua discrição, não posso?

Sócrates – Claro…

Sánchez – O Ministério da Defesa acaba de comunicar a presença de um unicórnio à solta nesta região…

Sócrates – Um unicórnio?

Sánchez – Parece que se afastou da manada…

Ramírez regressa e ouve o final da conversa.

Ramírez – Um mundo onde há manadas de unicórnios a andar livremente só pode ser uma falsificação…

Sócrates – Evidentemente.

Sánchez – A menos que…

Sócrates – Sim?

Sánchez – Na sua opinião, porque é que aquela senhora que perdeu o cão vê o mundo com cores tão vivas?

Ramírez – Talvez seja daltónica… E, afinal, chama-se Socorro…

Sánchez – Ou talvez tenha tomado um alucinogénio… Importa-se que dê uma vista de olhos à loja? Gosto muito de cogumelos, e um informador disse-me que os seus são de outro mundo…

Sócrates – Faça favor, depois de si…

Entram na loja. Eva e Adão passam novamente e param.

Eva – O teu melão estava delicioso.

Adão – Um verdadeiro melão da região.

Eva – Tens razão, é preciso ter cuidado com as imitações… Obrigada pelo convite… e pelo livro.

Adão – Adorei as tuas Rimas Órfãs…

Eva – E pensar que só vendi três exemplares. Suspeito que a minha mãe comprou os três. E depois os revendeu para pôr comida na mesa.

Adão – Portanto, pode-se ter mãe e escrever rimas órfãs.

Eva – A menos que morramos antes dos nossos pais, todos acabamos órfãos, mais cedo ou mais tarde, não é?

Adão – Talvez seja por isso que procuramos a nossa alma gémea… Na esperança de que não morra antes de nós.

Afastam-se de mãos dadas, com sorrisos tolos. Sánchez e Ramírez regressam com Sócrates algemado.

Sánchez – Cogumelos ilegais na arrecadação e uma arma na caixa registadora…

Sócrates – Se eu lhe dissesse que tirei a arma a um rapaz para o impedir de fazer uma asneira, não acreditaria.

Ramírez – Sabe o que lhe pode acontecer?

Sócrates – Vai obrigar-me a beber cicuta?

Sánchez – O que é isso?

Sócrates – Um veneno. Foi o que deram a beber a Sócrates, o pai da filosofia, depois de o condenarem.

Ramírez – E de que o acusavam?

Sócrates – De impiedade e de corromper os jovens… Podia ter fugido e salvo a vida, mas preferiu aceitar a sentença, para mostrar que obedecer à lei é o fundamento da justiça.

Sánchez – Uma atitude um tanto autoritária, sem dúvida. Mas eu, que sou polícia, não vou defender a desobediência civil…

Sócrates – A filosofia já trazia o verme dentro da fruta desde o princípio. Até Sócrates se julgava Jesus Cristo…

Sánchez – Ainda assim, aquele gosto por tornar o próprio sacrifício um espetáculo deu fama aos dois.

Sócrates – As pessoas sempre adoraram os mártires. Há um para cada dia do calendário. Sabe porque é que vai tirar-me estas algemas?

Sánchez – Nem sabia que o ia fazer.

Sócrates – Vai fazê-lo, acredite.

Sánchez – Para não o transformar num mártir?

Sócrates – Porque o senhor não é um verdadeiro comissário de polícia.

Sánchez – A sério?

Sócrates – Tal como eu não sou realmente merceeiro nem alfarrabista.

Sánchez – E o que o leva a pensar que não sou comissário?

Sócrates – Acabou de me dizer que o mundo inteiro é uma falsificação… Logo, o senhor, que investiga o caso, também não pode ser um verdadeiro polícia.

Sánchez – É um raciocínio com alguma lógica.

Sócrates – Além disso, fui ao teatro ontem à noite e o senhor já fazia de comissário.

Sánchez – Parece que só me dão esse papel.

Ramírez – E o ator secundário, que tal estava?

Sócrates – Também era péssimo…

Ramírez tira as algemas a Sócrates.

Sánchez – Eram falsas, de qualquer maneira.

Ramírez *(olhando para o público)* – Acha que nos vão atirar tomates?

Sócrates – Espero bem que sim… Preciso de renovar a minha banca de fruta e legumes…

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-291-3

Documento para download gratuito